

# Editorial

Este número da REVER traz uma pequena amostra de pesquisas sobre o Islã que vêm sendo realizadas em comunidades islâmicas. Os artigos aqui apresentados delineiam aspectos interessantes que podem ser observados quando o tema é Islã e o modo como ele vem sendo pesquisado no Brasil ou na Tríplice Fronteira. As questões em torno da construção de identidade, do pertencimento islâmico, da conversão, assim como os relacionamentos entre homens e mulheres no Islã, questões sobre estética cinematográfica, vêm ganhando destaque no cenário de pesquisas em contextos não islâmicos.

É certo que pesquisas sobre o Islã vêm crescendo desde o final da década de 1990, sobretudo, após o 11 de Setembro; o número de pesquisas cresceu significativamente no âmbito da graduação, inclusive – temos interesse de jovens graduandos e pós-graduandos em compreender que universo religioso é esse, que chama a atenção da imprensa e, por conseguinte, do mundo *globalizado*.

Eu venho estudando o Islã desde 1998, e a dificuldade de encontrar parceiros de pesquisa no início da pesquisa fez com que, ao me tornar docente em uma instituição pública de ensino superior, investisse na formação de um grupo de pesquisa para ampliar o diálogo com outros pesquisadores. Desta forma, nasceu em fevereiro de 2011, na USP de Ribeirão Preto, o GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes. As temáticas citadas acima refletem o pano de fundo de pesquisas que vêm sendo realizadas no grupo, mas também refletem o que podemos encontrar em outros centros de pesquisa no Brasil. Alguns dos trabalhos apresentados neste número são de pesquisadoras do grupo.

Abrindo este número especial sobre Islã, temos o artigo de Silvia Montenegro: *“Imigrantes árabes na fronteira sul-americana: narrativas de trabalho, religião e futuros imaginados”*. A autora analisa as narrativas de pertencimento à comunidade árabe-muçulmana entre os imigrantes da Tríplice Fronteira, identificando uma série de elementos que caracterizam o pertencimento religioso e o discurso identitário. Fala-se muito na imprensa sobre essa região e seus fluxos - a autora apresenta o que acontece na *prática* a partir de entrevistas com muçulmanos sunitas e xiitas, pioneiros ou de recente imigração para essa região.

A narrativa também é o fio condutor do artigo de Francirosy Ferreira: *“A narradora: revelando experiências de campo”*; aqui, elementos da performance oral são observados na análise da trajetória de uma pesquisadora de Islã. O objeto do texto é a *performance oral* da pesquisadora acostumada a narrar o seu cotidiano de pesquisa e, deste modo, torna-se possível apreender sobre pesquisa de campo, experiência etnográfica. Esse artigo é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida desde 2008 – *“Pesquisadoras Performers: olhando para o feminino no Islã”*. Entender as estratégias desenvolvidas em campo pelas pesquisadoras e, sendo assim, analisar a *trajetória* percorrida por cada uma, tendo em primeiro plano a própria questão de gênero. Cabe ressaltar que a constituição de um website <http://www.antropologiaislam.com.br/giselle-guilhon.html> foi importante como produto dessa pesquisa e deve acompanhar a leitura do artigo.

O universo estético-cinematográfico é percorrido por Kelen Pessuto, doutoranda em Antropologia Social pela USP, em seu artigo: “*O cinema iraniano e a música interdita*”. Ela analisa dois filmes iranianos sobre a música interdita: *Ninguém sabe dos gatos persas* (*Kasi Az Gorbehaye Irani Khabar Nadareth*, 2009), de Bahman Ghobadi, e *Não é uma ilusão* (*Na yek Tavahom*, 2009), de Torang Abedian. Kelen traz elementos da religião islâmica que permeiam a proibição de filmes no Irã. Especialista em análise de filmes iranianos, a autora nos aproxima do universo religioso por meio do cinema. O cinema é, sobretudo, um transmissor de conhecimento e expressa os sentimentos de uma cultura. O que pode ou não ser revelado ou utilizado, como no caso da música, é discussão importante para os estudos desse campo.

O artigo de Mario Alves Filho, mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP: “*Sufismo: a importância da mística islâmica no desenvolvimento histórico do Islã*”, traz elementos históricos para compreensão do advento do Sufismo, as diversas comunidades constituídas e líderes importantes na formação do pensamento teológico.

Os dois artigos seguintes contribuem para compreensão das questões de gênero que permeiam os contextos islâmicos. Confirmando a importância da temática de gênero, o artigo de Liza Dumovich Barros, mestre em Antropologia Social pela UFF, “*O que importa é a intenção: a reconfiguração do ‘self religioso’ na conversão de mulheres ao Islã na mesquita da Luz*”, discorre sobre o processo de reconfiguração do “self religioso” das muçulmanas convertidas da comunidade do Rio de Janeiro. O artigo de Liza traz novos delineamentos sobre a conversão ao Islã - entender como se mobilizam essas conversões de mulheres faz parte de um dos desafios da autora. Ainda são poucos os trabalhos sobre conversão ao Islã no Brasil; esse, portanto, vem somar aos demais e auxilia na compreensão das intenções desta nova configuração religiosa.

O último artigo, “*A corporalidade do recato – Mulheres Muçulmanas, seus corpos e seus discursos*”, de Luana Bauman, estudante de Antropologia do IFCH – Unicamp, tem como objetivo refletir sobre como se apresenta a fronteira homem/mulher no Islamismo, bem como os discursos fomentados e, desta forma, busca compreender alguns elementos do universo de mulheres muçulmanas, suas corporalidades e seus discursos. Partindo da etnografia produzida em uma comunidade de São Paulo, Luana levanta esses pontos importantes para compreensão dessas fronteiras entre masculino/feminino.

Por fim, o número traz a resenha de Isabella Caroline Sotocorno, estudante de Psicologia da FFCLRP, sobre o livro de Samira Osman, *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. São Paulo: Xamã, 2011. Destaco a importância da inserção desta resenha como forma de contribuir para formação de alunos interessados na temática que envolve história oral e imigração árabe no Brasil.

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA FERREIRA  
Antropóloga, FFCLRP, USP